

“A ideia de banco de desenvolvimento está sendo substituída pela ideia de banco de investimento”

Carlos Lessa falou sobre o BNDES com exclusividade ao JE, valendo-se da autoridade de profundo conhecedor da história econômica brasileira – em particular do processo de industrialização do país – e de ex-presidente da instituição de janeiro de 2003 a novembro de 2004.



P: Qual é o papel do BNDES?

R: O BNDES é, isoladamente, certamente a instituição mais relevante no processo de industrialização brasileiro. O interessante é que ele sai da missão da Comissão Mista Brasil-EUA. O banco nasce com Fundo Nacional de Desenvolvimento, que era um adicional do imposto de renda, e com a missão de tocar para frente os projetos considerados prioritários. Nos anos 50, o BNDES passa a ser fundamental tanto para a conclusão da CSN, mas também a instalação da Cosipa e Usiminas e a ampliação da Cesita. É como se o BNDES fosse uma espécie de banco siderúrgico. Na visão daquele momento, a indústria das indústrias era a siderurgia. E o Brasil tinha a grande vantagem de um excepcional minério de ferro, bem localizado. Na década de 50, ocorre a consolidação da indústria pesada. Sem exagerar, dizer que o BNDES foi o banco da siderurgia brasileira, da grande impulsão para o desenvolvimento da indús-

tria pesada é absolutamente correto. Um banco de desenvolvimento orienta a poupança institucional disponível para um projeto de economia nacional de longo prazo. Na época é absolutamente claro na consciência brasileira que o desenvolvimento industrial passava pelo aço, exigia a metalmeccânica e nela, a indústria automobilística.

P: O BNDES continua a exercer essa função central de indutor do desenvolvimento brasileiro?

R: Onde está a chave para o entendimento do desenvolvimento das forças produtivas brasileiras? Eu diria que não está mais na área do BNDES. Passa claramente para a área do Banco Central, que comanda o sistema financeiro, comanda o principal instrumento, que é a taxa de juros, e principalmente a taxa de juros de longo prazo. Ele administra um enorme estoque de riqueza, que é a dívida pública. Nesse instrumento, a presença do BNDES é claramente residual.

O BNDES, com o sistema bancário privado e público, continua sendo uma peça extremamente importante no financiamento do cotidiano da economia brasileira, porém não é mais o sinalizador e o materializador dos sinais de desenvolvimento das forças produtivas.

P: Como você avalia a política das campeãs nacionais, adotada pelo BNDES durante parte dos governos petistas?

R: Na tese das campeãs nacionais, a visão que prevaleceu foi que o mun-

do estaria sendo comandado por grandes organizações multinacionais e o Brasil tinha que colocar o pé nesse universo. Eu não gosto muito dessa tese colocada dessa maneira. Acho que a prioridade deve ser sempre a explicitação dos problemas nacionais. Só para dar um exemplo, eu não tenho nada contra o Brasil se propor a ser celeiro do mundo. Mas é igualmente importante a tese de não haver fome dentro do país.

P: Como você avalia a guinada do BNDES no último ano?

R: Eu espero estar enganado, mas a impressão que eu tenho é que a ideia de banco de desenvolvimento está sendo substituída pela ideia de banco de investimento. São duas coisas completamente diferentes. O banco de desenvolvimento trabalha com uma visão de um sonho nacional de estrutura produtiva futura, um objeto que segue um desejo social de chegar lá. Um banco de investimento é um mercado aberto, onde você coloca diversas mercadorias e o cliente entra e escolhe o que quer. **A postura de um banco de investimento é muito menos ativa do que a de um banco de desenvolvimento. O Brasil continua com uma estrutura produtiva que exige um banco de desenvolvimento. Nesse sentido, acho que a política atual é equivocada em relação ao papel que a instituição deveria ter.**

P: Qual é a sua visão sobre a substituição da TJLP pela TLP?

R: São pequenos passos no senti-

do de transformar o BNDES de vez em um banco de investimento. Não vejo sinal do banco se propondo a ser um instrumento de industrialização futura do país.

P: O que poderia ser feito para que o BNDES retome o protagonismo?

R: Em primeiro lugar, tem que reforçar a poupança adicional do banco. Ele tem hoje o PIS/PASEP, que cada vez mais está sob mira. Em segundo lugar, **tem que apostar pesadamente na transformação da infraestrutura interna de interligação da rede urbana espacial. Eu formaria um BNDES a serviço da mudança da matriz de transporte do país.** Ao mesmo tempo, estimularia os setores ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Tem um argumento engraçado aí, de que atualmente o mercado de capitais é capaz de suprir uma parcela expressiva da necessidade de financiamento no Brasil. Mas se nós imaginarmos que o país precisa integrar, com uma estrutura eficiente, toda sua enorme população urbana e metropolitana, e nós necessitamos acabar com a fome no país e estabelecer nossa presença no continente sul-americano de forma clara e inequívoca, eu diria que o BNDES precisa ter uma ampliação significativa da poupança institucional, e que as decisões de mercado não são capazes de fazer essa operação. Não vejo possibilidade de a economia de mercado produzir a transformação ferroviária e hidroviária de que o país precisa.